

Quem Vigia o Vigilante? Uma Análise da Ação Social Weberiana Sobre o Wikileaks®

Who Watches the Watchmen? An Analysis of Weber Social Action About the Wikileaks®

Ademir Macedo Nascimento¹

¹Universidade de Pernambuco, UPE, Brasil

Correspondência: Ademir Macedo Nascimento, Endereço: Av. Agamenon Magalhães, S/N, Santo Amaro. CEP.: 50.100-010 Recife, Brasil. Tel.: 55 81 3183-3779 E-mail: ademir.nascimento@upe.br

Recebido: 14 de outubro de 2015 Aceito: 26 de março de 2016 Publicado: 09 de maio de 2016

Resumo

Com o slogan “Nós abrimos os governos”, o Wikileaks® surgiu em 2006 com a proposta de funcionar como uma plataforma colaborativa, na qual qualquer pessoa que se interessasse pelo assunto poderia enviar documentos sigilosos ou dar sua opinião sobre os documentos vazados de grandes corporações. Os documentos recebidos e vazados pelo site teriam, então, sua veracidade avaliada pelos internautas interessados. (WIKILEAKS, 2015). Com a consolidação de diversas aplicações ao longo dos anos, Cross e Thomas (2009) e Kirkpatrick (2011) relatam que os usuários começaram a criar novas formas de utilização que afetam tanto o relacionamento pessoal quanto o relacionamento com empresas e governos, como é o caso do Wikileaks®, uma rede de compartilhamento que recebe documentos vazados de grandes corporações com o intuito de forçar uma maior transparência dos governos e de grandes empresas. É justamente neste ponto onde se encaixa este artigo, uma vez que se pretende avaliar a atuação do Wikileaks® por meio da lente teórica de Max Weber, utilizando o seu princípio da ação social.

Palavras-chave: Redes sociais virtuais; Ação Social; Wikileaks.

Abstract

With the slogan "We open governments," the Wikileaks® came in 2006 with the proposal to function as a collaborative platform on which anyone who was interested in the subject might send sensitive documents or give your opinion about the leaked documents from large corporations. Documents received and leaked by the website would then have its veracity evaluated by interested Internet users (WIKILEAKS, 2015). With the consolidation of various applications over the years, Cross and Thomas (2009) and Kirkpatrick (2011) report that users began creating new ways to use that affect both the personal relationship and the relationship with companies and governments, such as the Wikileaks®, a sharing network that welcomes leaked documents from large corporations in order to force greater transparency of governments and large companies. Is precisely this point which fits this article, since it is intended to evaluate the performance of Wikileaks® through theoretical lens of Max Weber, using the principle of social action.

Keywords: Social media; Social Action; Wikileaks.

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Attribution 3.0.

1. Introdução

O acesso à Internet se tornou muito mais fácil nos últimos anos devido às melhorias na infraestrutura das telecomunicações. A Internet, antes utilizada apenas para fins militares, apresentou um enorme crescimento em suas capacidades técnicas e em sua penetração em diversos territórios ao ser liberada para o público em geral (WACHTER; GUPTA; QUADDUS, 2000).

Com este advento, várias aplicações têm sido desenvolvidas e disseminadas, como os *blogs*, as plataformas de compartilhamento e as redes sociais virtuais (O'REILLY, 2005). Neste contexto, Kaufman (2010) suscita que o desenvolvimento das redes sociais virtuais talvez seja um dos maiores acontecimentos dos últimos anos, por representar uma nova maneira de organização da sociedade contemporânea. Fialho e Lutz (2011) destacam que tais redes estão em crescente expansão e têm assumido um papel de alta relevância dentre as opções de comunicação e informação na Internet.

Com a consolidação de diversas aplicações ao longo dos anos, Cross e Thomas (2009) e Kirkpatrick (2011) relatam que os usuários começaram a criar novas formas de utilização que afetam tanto o relacionamento pessoal quanto o relacionamento com empresas e governos, como é o caso do Wikileaks®, uma rede de compartilhamento que recepciona documentos vazados de grandes corporações com o intuito de forçar uma maior transparência dos governos e de grandes empresas.

É justamente neste ponto onde se encaixa este artigo, uma vez que se pretende avaliar a atuação do Wikileaks® por meio da lente teórica de Max Weber, utilizando o seu princípio da ação social.

Para tal, este estudo está estruturado em cinco seções a se iniciar por esta introdução, seguida de uma seção sobre Weber e seu conceito de ação social. Na terceira seção é feita uma discussão sobre a ação social na internet e na quarta seção é debatido exclusivamente o Wikileaks® e seus desdobramentos. Por fim são apresentadas as considerações finais sobre este estudo.

2. Fundamentação Teórica

2.1. Weber e a Ação Social

Weber destaca a ação humana como variável primária para a análise sociológica, o que o levou a criar uma taxonomia das formas de ação social, destacando quatro tipos (ALVES, 2003):

- A ação racional com relação aos fins
- A ação racional com relação a um valor
- A ação afetiva
- A ação tradicional

Na primeira destas ações, a ação racional com relação aos fins, o indivíduo avalia fins alternativos, confronta os fins escolhidos frente a possíveis efeitos e orienta-se em relação a eles, atento ao imperativo de adequar condições, recursos e meios àqueles fins. Já o segundo tipo de ação social, a ação racional com relação a um valor, é uma conduta que reflete crença em um valor fazendo com que a atenção concedida ao significado do ato em si é maior do que a reflexão sobre as suas consequências. No caso da ação afetiva, observa-se uma ação predominantemente sentimental do indivíduo em uma determinada circunstância e não em relação a um objetivo ou a um sistema de valores. Por fim, a ação tradicional é a estabelecida a partir de costumes consagrados no tempo (WEBER, 1999).

Segundo Alves (2003), conhecer a tipologia weberiana sobre a ação social não é o suficiente para se fazer uma análise acurada de uma organização. É preciso focalizar as relações entre os agentes para poder vislumbrar a noção de dominação.

Tais relações de domínio podem se apresentar de três formas: patriarcal, carismática e burocrática. Na primeira delas, a dominação patriarcal, faz-se referência a uma estrutura fundada no respeito aos costumes e aos antepassados, e também na lealdade pessoal.

Já na dominação carismática, a figura do líder personifica uma missão estabelecida para seus seguidores a partir de sua própria convicção e livre de qualquer influência. Alves (2003) ressalta que esse domínio é avesso a leis, descomprometido com o instituído, não reconhecendo qualquer tentativa de disciplina externa e carecendo de qualquer orientação por regras. Desta maneira, o líder carismático não se submete e regras burocráticas e nem aos costumes da tradição resultando assim em uma atitude revolucionária que rompe com as normas tradicionais ou legais.

Por fim, Weber destaca a crença na legalidade, na obediência às normas estabelecidas e preceitos jurídicos, a burocracia. Segundo esse sistema formal de regras, a obediência só pode ser invocada por aqueles que tenham o direito de exercê-la, em virtude de normas legais, pois se obedece às normas e não às pessoas.

Vale salientar, no entanto, que embora Weber reconhecesse a superioridade técnica da burocracia, ele a via como uma “racionalidade sem alma”, que subtrai dos indivíduos espaços de liberdade criativa e de efetiva participação. Esse novo mundo, seria mecanizado, desencantado, dominado por burocratas, condenado a jaula de ferro das dinâmicas racionalizantes emancipadas do controle individual e da intervenção participativa dos cidadãos (ALVES, 2003).

Soares (2000) destaca que neste ponto Weber acertou parcialmente, embora não tenha previsto as mudanças que ocorreriam posteriormente a sua obra, como é o caso das tecnologias de informação e comunicação, que tornaram as escolhas mais personalizadas e menos suscetíveis a controles centralizados. Paradoxalmente, a burocracia ampliou o acesso dos atores individuais e coletivos a informações pertinentes à organização civil.

Sobre esta questão das tecnologias de informação e comunicação e as mudanças geradas na dinâmica das relações com organizações, serão apresentados alguns pontos na seção seguinte.

2.2 Internet e Ação Social

A história da Internet iniciou-se em 1969, quando a então Arpanet começou a ser utilizada pelo departamento de defesa dos Estados Unidos para comunicação e, mais tarde por cientistas, para a colaboração em pesquisas. Desde então, a Internet obteve um grande crescimento em suas capacidades técnicas e possibilidades de uso (WACHTER, GUPTA; QUADDUS, 2000). Mais tarde, ao se tornar de acesso público, a Internet consolidou-se como canal de comunicação graças à facilidade de estabelecer contato com outras pessoas, independente das barreiras geográficas e temporais (CORRÊA, 2008).

Ainda assim, nos primeiros anos de sua utilização a Internet era um território inexplorado e com a predominância de páginas estáticas. Atualmente, ela evoluiu para uma plataforma de valor mais relevante para as organizações e indivíduos, a partir da incorporação de vários recursos e ferramentas (ALMEIDA *et al.*, 2012).

Kirkpatrick (2011) destaca que antigamente a difusão de informações em larga escala era privilégio das mídias de massa, mas a disseminação da Internet e as novas funcionalidades interativas têm alterado a maneira como as pessoas se comunicam e compartilham informações. Para Maness (2007) essa nova forma de interação na Internet pode ser conhecida como web 2.0, ou seja, uma web onde é necessário que haja o diálogo, ao invés de apenas divulgação.

Kaufman (2010) afirma que atualmente a web 2.0 deixou de ser uma tendência, já estando consolidada de forma irreversível. A título de exemplo, o referido autor cita que o número de *blogs* autônomos aumentou de apenas 50, no ano de 1990, para cerca de 112 milhões em 2010. Além disto, Krasnova *et al.* (2010) ressaltam que as redes sociais virtuais, outro exemplo de funcionalidade da web 2.0, vêm crescendo rapidamente nos últimos anos.

Deste modo, vale salientar que apesar das redes sociais virtuais ocorrerem em diversos contextos, seja no cotidiano das famílias ou no ambiente de trabalho, é pelo avanço da TI que elas têm se viabilizado, pois proporcionam conexões em tempo real com vários indivíduos em diferentes locais, e aumentam o volume de interações entre esses atores (AFONSO, 2009; ROCHA *et al.*, 2011).

Para Corrêa (2008), todo o atrativo comercial em torno das redes sociais virtuais pode ser explicado pela sua funcionalidade, servindo como espaços de interação, uma vez que cada pessoa registra seu perfil, contata seus amigos e conhecidos, alarga sua rede de amizade e constitui laços comunitários, que são instituídos a partir do compartilhamento de afinidades.

Por outro lado, Hunt (2010), Kirkpatrick (2011) e Giardelli (2012) citam que o uso das redes sociais virtuais também tem sido explorado como instrumento de ativação de movimentos sociais e culturais como a luta dos direitos humanos, de feministas, de ambientalistas, dentre outros. Os referidos autores citam como exemplo, o uso do Facebook® e do Twitter® em protestos na Colômbia e na onda de manifestações que ocorreram no Oriente Médio, conhecida como Primavera Árabe.

Além disso, vale destacar o uso das redes sociais virtuais na relação com organizações, sejam elas públicas ou privadas. Hunt (2010) afirma que além de contatos profissionais, as pessoas têm cada vez mais a necessidade de interagir com as organizações através das redes sociais virtuais, seja para solicitar suporte sobre algum produto comprado recentemente, seja para opinar no processo de desenvolvimento e adaptação de serviços prestados.

De acordo com Brogan (2012), isto acontece porque as redes sociais virtuais dão voz aos usuários comuns, permitindo que interajam tanto com seus pares quanto com as organizações, o que demonstra que atualmente as pessoas não usam as redes sociais virtuais apenas para se distrair, pois vêm aos poucos percebendo suas diversas utilizações.

Neste novo cenário, até os governos estão percebendo a necessidade que os usuários têm em participar das discussões que os envolvem. Nos EUA, destaca-se o uso das redes sociais na campanha eleitoral do atual presidente Barack Obama, na qual o mesmo obteve o apoio de diversos internautas, tendo inclusive a postagem mais compartilhada do Twitter® e do Facebook® na época.

Corroborando com este uso, Zhang *et al.* (2010) destacam que as redes sociais virtuais tem um papel importante no processo democrático, influenciando atitudes políticas e a participação da população, citando como exemplo o caso da Islândia que decidiu levar a discussão sobre a reforma constitucional para o Facebook®. No Brasil, pode-se citar o caso da prefeitura de Curitiba que decidiu adotar a rede social Colab.re® como canal oficial de comunicação com os cidadãos (CURITIBA, 2014).

Como ressaltado por Nascimento, Luft e Silveira (2014), a internet e as redes sociais deixaram de ser utilizadas exclusivamente para objetivos pessoais, tendo evoluído para um relacionamento mais frequente com organizações e governos.

Ainda assim, Fuchs (2014) destaca que continua existindo um desnível de poder entre: grandes corporações e governos de uma lado, e entre cidadãos e usuários do outro. Para o referido autor, ao passo que grupos poderosos tentam disciplinar comportamento dos indivíduos, os mesmos mantêm segredo de dados coletados.

Como forma de combater este tipo de controle burocrático sobre as informações, algumas entidades não governamentais recolhem e publicam informações sobre organizações poderosas, a fim de contribuir para a limitação ou supressão do poder assimétrico. A mais famosa dessas organizações é o Wikileaks®, que será discutido na próxima sessão.

3. Wikileaks e Ação Social

Com o slogan “Nós abrimos os governos”, o Wikileaks® surgiu em 2006 com a proposta de funcionar como uma plataforma colaborativa, na qual qualquer pessoa que se interessasse pelo assunto poderia enviar documentos sigilosos ou dar sua opinião sobre os documentos vazados de grandes corporações. Os documentos recebidos e vazados pelo site teriam, então, sua veracidade avaliada pelos internautas interessados. (WIKILEAKS, 2015).

De acordo com Oliveira (2014) o Wikileaks® alcançou maior visibilidade em 2010 ao divulgar milhares de telegramas considerados confidenciais entre as embaixadas americanas do mundo todo e também dentro do Departamento de Estado de Washington. Para o referido autor, a notoriedade da plataforma também se deu devido à sua mudança de estratégia, o que fez com que se aproximasse de mídias internacionais de grande importância para divulgar seus achados, alcançando um maior número de pessoas e obtendo maior legitimação das informações mostradas.

Além dos documentos vazados das embaixadas americanas, outro famoso vazamento do Wikileaks® trata do vídeo denominado “Assassinato Colateral”, no qual são mostrados militares americanos a bordo de um helicóptero militar Apache, no Iraque, disparando contra civis e falando de maneira tranquila enquanto realizavam os assassinatos. No vídeo, dois funcionários da agência de notícias Reuters® foram mortos e duas crianças ficaram seriamente feridas.

Tal vazamento gerou uma série de debates entre teóricos de política externa, estadistas, jornalistas e historiadores, que segundo Oliveira (2014), discutiam somente sobre o ato do vazamento em si e não sobre o que ele poderia gerar ou sobre as informações divulgadas. Para o referido autor, diante do controle dos Estados e corporações transnacionais sobre as informações, como elas são transmitidas e fabricadas, o que se espera é que a sociedade possa questionar os informes recebidos.

Nesse ponto se insere o papel do Wikileaks®: ao abrir a caixa preta dos governos e das grandes corporações, o site mostra que as informações divulgadas todos os dias sofrem uma deturpação para beneficiar um ou outro grupo, nem sempre propositalmente.

Diante das instituições dos mecanismos de controle, o Wikileaks®, através da cooperação entre os demais internautas da rede, distribui as informações recebidas para que a sociedade possa ter conhecimento da lógica de dominação que a envolve. Oliveira (2014) ressalta que falseando os informes transmitidos constantemente, a Wikileaks pode vir a plantar o germen da dúvida nas pessoas, levando, assim, ao questionamento.

4. Considerações Finais

As tecnologias de informação e comunicação se mostram como uma faca de dois gumes, uma vez que por um lado permitem uma vigilância por parte dos governos e grandes corporações, mas ao mesmo tempo proporcionam maior individualidade aos usuários e maior poder de participação.

Embora Weber estivesse correto ao decretar que a burocracia seria adotada de uma forma geral e que isso aprisionaria as pessoas numa jaula de ferro, e embora as tecnologias de informação e comunicação tenham auxiliado cada vez mais nessa tarefa, percebe-se um fator colateral não previsto, que é o empoderamento dos cidadãos e usuários comuns.

As redes sociais virtuais revelam as percepções de clientes e de cidadãos e permitem que estes se unam, mesmo não se conhecendo pessoalmente, como pode ser visto nos protestos na Colômbia e no Oriente Médio. Mesmo no Brasil, a insatisfação com os gastos públicos e a necessidade de uma maior transparência dos governos, resultou na criação uma lei de acesso à informação, no Marco civil da internet e numa resolução sobre o uso de dados pessoais, ambos mecanismos de apaziguar o poder de controle que os estados tem sobre os cidadãos.

Embora o cenário das tecnologias de informação e comunicação pareça apontar para a jaula de ferro, o empoderamento gerado sugere uma luta contra esta condição, como é o caso do Wikileaks®, no qual se força uma maior transparência das grandes organizações ao passo em que se cobra maior privacidade para os usuários comuns, com o intuito de diminuir a assimetria na relação de dominação.

Como ressaltado por Weber, na dominação racional-legal, o burocrata se vale da promulgação de novas regras para prolongar sua autoridade, o que de fato ocorreu com o Wikileaks® e outros casos de vazamento, no qual os delatores foram julgados por traição. No entanto, a resposta à dominação se mostra mais estável ao se observar o apoio recebido por grupos de ativistas e as discussões de necessidade de transparência e proteção dos dados de usuários na Organização das Nações Unidas.

Por fim, como destacado por Alves (2003), na realidade concreta há muitas poucas evidências que sugiram uma relação equilibrada entre indivíduos ou mesmo no âmbito interno da empresa, porém acredita-se que as tecnologias de informação e comunicação tendem a, pelo menos, diminuir essa assimetria de dominação enraizada ao longo dos anos pela dominação racional-legal.

Referências

- AFONSO, A.S. **Uma análise da utilização das redes sociais em ambientes corporativos**. São Paulo: PUC-SP, 2009.
- ALMEIDA, T. N. V. de . et al. Ferramentas online como estratégia de marketing: converse All Star Brasil. **RPCA**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, 2012.
- ALVES, S. **Racionalidade, Carisma e Tradição nas organizações empresariais contemporâneas**. Recife: Edufpe, 2003.
- BROGAN, C. **ABC das mídias sociais**. São Paulo: Prumo, 2012.
- CORRÊA, C. H. W. **Reterritorializações no não-lugar da rede social orkut®**. Porto Alegre: PUC-RS, 2008.
- CURITIBA (2014). **População tem nova ferramenta de comunicação com a prefeitura**. Disponível em: <http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/populacao-tem-nova-ferramenta-de-comunicacao-com-a-prefeitura/32421> Acesso em: 26 abr. 2014.
- FIALHO, C.B.; LUTZ, C. B. Análise da Intenção de Continuidade de Uso de um Sistema Voluntário: em Cena o Fenômeno Twitter®. III Encontro de Administração da Informação, 3, 2011, Porto Alegre. In: **Anais...** . Porto Alegre: Anpad.
- FUCHS, C. **Social media: a critical introduction**. Sage: London, 2014.
- GIARDELLI, G. **Você é o que você compartilha**: E-agora: como aproveitas as oportunidades de vida e trabalho na sociedade em rede. São Paulo: Editora Gente, 2012.
- HUNT, T. **O poder das redes sociais**: como o fator Whuffie – seu valor no mundo digital – pode maximizar os resultados de seus negócios. São Paulo: Editora Gente, 2010.
- KAUFMAN, D. **Processo de tomada de decisão no ciberespaço, o papel das redes sociais no jogo das escolhas individuais**. São Paulo: PUC–SP, 2010.
- MATOS, F. R. N.; LIMA, A. C. Organizações modernas e a burocracia: um a "afinidade eletiva"?. **RAE electron.**, São Paulo, v. 6, n. 2, Dec. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482007000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 Jan. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1676-56482007000200008>.
- KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook®**: os bastidores da empresa que conecta o mundo. Rio de janeiro: Intrínseca, 2008.
- KRASNOVA, H. et. al. Online social networks: why we disclose. **Journal of information technology**. V. 25, p. 109-125, 2010.
- MANESS, J. M. Teoria da Biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para as bibliotecas. **Revista Informação e Sociedade**, João Pessoa, v.17, n.1, p. 44-55. jan./abr. 2007.
- NASCIMENTO, A. M.; LUFT, M. C. M. S.; SILVEIRA, D. S. da. Muito mais do que contato com os amigos: Possibilidades de uso de uma Rede Social Virtual. In: XXXVIII Encontro da Anpad, 38, 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2012.
- O'REILLY, T. What is Web 2.0 – Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software. **Communications & Strategies**, n.65, pp. 17-37, 2007.
- OLIVEIRA, C. A. G. de. Wikileaks: motor de mudança. **Alabastro: revista eletrônica dos alunos da Escola de Sociologia e Política de São Paulo**, São Paulo, ano 2, v. 2, n. 4, 2014, p. 79-88.
- ROCHA, T. V. et al. O uso das redes sociais na construção do relacionamento com clientes: um estudo de caso múltiplo no Brasil. In: XXXV Encontro da ANPAD, 35, 2011, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2011.

SOARES, L. E. A racionalidade do “politicamente correto” ou Weber errou porque estava certo. In: Souza, J. **A atualidade de Max Weber**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

WACHTER, R. M.; GUPTA, J. N. D.; QUADDUS, M. A. It takes a village: virtual communities in support of education. **International Journal of Information Management**, v.20, p. 473–489, 2000.

WEBER, M. **Economia e Sociedade**. Brasília: Unb, 1999.

ZHANG, W.; JOHNSON, T. J.; SELTZER, T. BICHARD, S. L. The Revolution Will be Networked: The Influence of Social Networking Sites on Political Attitudes and Behavior. **Social Science Computer Review**, v. 28, n.1, 75-92, 2010.